

CLIO EM TERRAS  
CARIOCAS E  
FLUMINENSES: o  
Instituto Histórico e  
Geográfico do Rio de  
Janeiro e sua Revista

Paulo Knauss\*  
Roberto Schmidt de Almeida\*\*

CLIO IN THE LAND OF CARIOCAS  
AND FLUMINENSES: The Instituto  
Histórico e Geográfico do Rio de  
Janeiro and its journal

RESUMO

O tema deste texto é a história do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ) por meio de sua atividade editorial e publicações. Inicialmente, o estudo apresenta a primeira época da história do IHGRJ, quando que havia um programa editorial sem a publicação de uma revista. Num segundo momento, caracteriza-se o período em que a revista foi criada e se tornou a principal atividade editorial do IHGRJ. Finalmente, apresenta-se um quadro geral de assuntos da revista e de tendências que podem ser identificadas. A conclusão aponta para o fato de que a revista foi um espaço de textos de opinião e notas de pesquisa curtas, para se tornar um veículo do debate historiográfico e da pesquisa sistemática de fontes.

**Palavras-chave:** Historiografia; História editorial; Rio de Janeiro (estado e cidade)

ABSTRACT

The issue of this paper is the history of the Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ) through its publishing activities and publications. Initially, the study shows the first period of the history of the IHGRJ, when there was a publishing program without a journal. In a second moment, the study present a characterization of the period when the journal was created e became the principal publishing activity of the IHGRJ. Finally, a general panel of the issues treated in the journal and the tendencies that can be identified are presented. The conclusion points out that the journal was a space for short position papers and research notes, to become a vehicle of the historiographical debate and systematical research of sources.

**Keywords:** Historiography; History of Publishing; Rio de Janeiro (state and city)

\* Doutor em História, Professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Diretor-Geral do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, sócio do IHGB e presidente do IHGRJ.

\*\* Doutor em Geografia, Geógrafo do IBGE, Primeiro Secretário do IHGRJ.

Seguindo a inspiração do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 1838, a história de institutos congêneres estaduais e municipais pelo país é marcada por uma produção editorial variada em que a criação de revistas se destaca. Tal como a *Revista do IHGB*, as revistas dos institutos congêneres tendem a divulgar não apenas a produção intelectual em torno de estudos e pesquisas, mas igualmente registrar a vida social da instituição acadêmica. De um modo geral, o programa editorial dos institutos históricos do Brasil são uma fonte valiosa para investigar os rumos da produção historiográfica ao longo dos tempos.

Nesse sentido, a história do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ), fundado no ano de 1957, também pode ser tratada a partir da análise da sua produção editorial. Esta premissa conduz a caracterizar o conjunto de publicações promovidas pelo IHGRJ ao longo das suas décadas de existência e situar o lugar que assumiu na história institucional a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, ou simplesmente *Revista do IHGRJ*. Além disso, a análise da revista permite retratar a produção historiográfica que demarca a vida intelectual do instituto. Trata-se, portanto, de definir a entidade acadêmica pela sua condição de editor, relacionando a história editorial com a história institucional.

De modo geral, evidencia-se que o Instituto constituiu uma linha editorial clara na década de 1960, baseada na publicação de discursos e conferências com a característica de ensaios de pesquisa envolvidos no movimento social de debate sobre os rumos políticos da cidade do Rio de Janeiro. Na década seguinte, constata-se que o Instituto do Rio de Janeiro não conseguiu promover um programa editorial. Certamente, esse quadro se relaciona com o desafio da falta de sede depois do incêndio da Igreja do Rosário, centro de organização do instituto. Mas não se pode deixar de levar em conta o fato de que a história estadual ganharia novos rumos com o fim do estado da Guanabara e a criação do novo estado do Rio de Janeiro, mudando o quadro político local. A renovação da vida social do Instituto ocorreu a partir do seu estabelecimento em espaço cedido pelo IHGB, sendo acompanhada de um novo perfil do quadro social. Essa nova fase da instituição foi marcada,

então, pela criação da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, criada em 1988.

## ANTES DA REVISTA

A história do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro (IHGRJ) se confunde com a história recente da cidade e do estado do Rio de Janeiro. A fundação da entidade acadêmica dedicada ao estudo da história e geografia ocorreu no então Distrito Federal no dia 6 de dezembro de 1957, na antiga Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens Pretos. A criação do Instituto Histórico carioca aconteceu, portanto, a menos de três anos antes da transferência da capital federal para Brasília, mas quando a decisão política já havia sido anunciada. Este fato originou uma experiência única na história do Brasil de criação de uma cidade-estado, integrando o a cidade do Rio de Janeiro de modo inusitado na federação brasileira ao se transformar a antiga capital federal no novo estado da Guanabara. Essa conjuntura colocou a cidade do Rio de Janeiro em questão, mobilizando a sociedade para rever seu papel no cenário nacional.<sup>1</sup>

Não há dúvida de que a questão da capital concentrou o debate e o pensamento sobre os destinos da cidade do Rio de Janeiro, o que reuniu personalidades do mundo intelectual carioca em torno da criação do Instituto Histórico dedicado à história e geografia da cidade. Isso fez com que nos seus primeiros anos a entidade tenha se denominado Instituto Histórico e Geográfico da Cidade do Rio de Janeiro. Nove anos depois de sua criação em 1966, no entanto, passou a se denominar Instituto Histórico e Geográfico do Estado da Guanabara, caracterizando-se não mais como um instituto de história municipal, mas de história estadual.

Naquela época, como aponta Laurent Vidal, nas páginas da imprensa carioca se acompanha como o Instituto Histórico e Geográfico do Rio

---

<sup>1</sup> MOTTA, Marly da Silva. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.; e da mesma autora, *Saudade da Guanabara: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-1975)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

se constituiu em um dos pilares do Movimento Popular Pró-Organização do Estado da Guanabara.<sup>2</sup> Assim, no contexto de debate sobre o destino da cidade do Rio de Janeiro após a transferência da capital para Brasília, o grupo de sócios do Instituto carioca se posicionou contra a opção da fusão da cidade com o antigo estado do Rio de Janeiro. Assumiram, então, a defesa incondicional da transformação do antigo Distrito Federal em cidade-estado. O engajamento do instituto histórico carioca nesse processo conduziu a entidade a assumir uma posição de liderança de movimento social, mobilizando a população em torno de uma causa de sentido político. O estudo da cidade caracterizava-se, portanto, como instrumento do posicionamento no quadro político da cidade.

A interrogação sobre a capitalidade da cidade se expressou na primeira iniciativa de maior repercussão do instituto que foi a realização em 1958 do curso *D. João VI no Rio de Janeiro*.<sup>3</sup> O curso foi dedicado ao momento histórico em que a centralidade política da cidade se afirmou, sublinhando a longa tradição do papel de centro político e de governo do Rio de Janeiro. É claro que o tema do curso podia se justificar por uma efeméride, pois o ano de 1958 marcava 150 anos da chegada da corte portuguesa no Rio de Janeiro. Porém, não há como negar a relação da celebração da efeméride que motivava a iniciativa do curso com o contexto vivido pela cidade naquela conjuntura, relacionando dois contextos de instalação e transferência de uma capital e em que o Rio de Janeiro ocupava posição decisiva.

Dois anos depois, no momento da mudança da capital em 1960, conforme noticiou o jornal *O Globo*, o Instituto junto com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, convocou a população para uma missa pedindo a benção divina para o novo estado da Guanabara na data de transferência da capital, em

<sup>2</sup> VIDAL, Laurent. *As lágrimas do Rio: o último dia de uma capital*, 20 de abril de 1960. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 141.

<sup>3</sup> WINZ, Antonio Pimentel. Ligeiras notas memorativas. *Revista do IHGRJ*, n. 1, p. 9-16, 1987.

21 de abril de 1960, às 10 horas.<sup>4</sup> O Primeiro Secretário do Instituto, Ariosto Berna, nas páginas da imprensa, registrou a informação histórica de que a Igreja do Rosário, onde seria celebrada a cerimônia religiosa foi a primeira a ser visitada por d. João em 1808, no contexto da transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, acrescentando que o regente lusitano “se ajoelhou e rezou pelos destinos de Portugal e do Brasil”. Ao final comentava ainda que o Senado da Câmara municipal funcionou nos fundos da igreja.<sup>5</sup> Assim, a Igreja que abrigava a sede do Instituto local e que serviu de lugar da benção do novo estado se caracterizava como espaço marcante da história e do processo de construção do sentido de capital do Rio de Janeiro. A história não permitia apagar a memória da capitalidade da cidade.

A primeira iniciativa do Instituto carioca – o curso temático – pode ser caracterizada como de tipo acadêmica, considerando o foco no estudo e na pesquisa histórica sobre a cidade, centrando-se no campo do conhecimento. A segunda iniciativa, porém, é evidentemente uma iniciativa de mobilização coletiva, que conformava o esforço de participação do instituto no processo social e a tomada de posição pública.

O grupo de fundadores Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro se compunha na maioria de jornalistas e professores de diferentes áreas de conhecimento, incluindo músicos e militares, além de um médico.<sup>6</sup> De diferentes modos, todos eram personalidades da vida social da cidade, seja por seu envolvimento com a política, seja por posição em instituições sociais influentes, ou conhecidos por seus trabalhos de pesquisa histórica. Na sua maioria eram autores de estudos sobre a cidade do Rio de Janeiro, ainda que não exclusivamente. A marca dos estudos publicados pelos autores não era o foco localista

---

<sup>4</sup> VIDAL, L. op. cit. p.142.

<sup>5</sup> Idem. p. 142.

<sup>6</sup> Os fundadores do IHGRJ são: Afonso Várzea, Antônio Carneiro Leão, Ariosto Berna, Augusto Maurício Queiros Ferreira, Douglas Sydney Amora Levier, Eduardo Tourinho, Henrique Foreis Domingues (Almirante), João Batista de Matos, Manuel Paulo Teles Filho, (Paulo Filho), Mário da Veiga Cabral, Nelson Costa, Odorico Pires Pinto, Pedro Calmon Moniz de Bittencourt e Silvio Salema.

ou bairrista. Vários escreveram textos de referência sobre a história do Brasil, sendo certamente, entre os membros do Instituto carioca, Pedro Calmon, na altura reitor da Universidade do Brasil, o autor de livros de maior circulação e de obra historiográfica mais notória. Mas havia ainda os que se dedicaram à literatura e à crítica literária e de arte. Outros eram profissionais ligados à entidade acadêmica e distinguiam-se pela sua trajetória de destaque na cena pública, como, por exemplo, Renato de Almeida Guilhobel (1892-1975), o primeiro presidente da entidade acadêmica carioca. Almirante de esquadra, ministro da Marinha do Brasil de 1951 a 1954, Guilhobel se tornou conhecido como autor de cartas geográficas de Angra dos Reis à Ribeira e Terras do Sanatório de Nova Friburgo, conjugando sua vida intelectual com a vida política. O almirante se reformou um ano antes de assumir a presidência do instituto, quando deixou suas funções militares. O instituto representava a possibilidade de concentrar-se na vida intelectual, contudo sem deixar por completo a presença na cena pública.

O envolvimento do Instituto com o movimento de reflexão sobre a história local da cidade do Rio de Janeiro e do estado da Guanabara levou a entidade a uma participação ativa da instituição nas comemorações do 4º centenário da cidade do Rio de Janeiro em 1965.<sup>7</sup> O movimento celebrativo foi muito amplo e com muitas iniciativas que entrelaçaram a sociedade civil e o governo estadual. Nessa altura, em 1962, sob a presidência do jornalista Paulo Filho, editor do *Correio da Manhã*, um dos jornais mais influentes na cidade na política nacional da época, o Instituto liderou a iniciativa de instalar a Comissão Executiva para promover a estátua de São Sebastião, padroeiro da cidade. O monumento foi inaugurado no ano festivo de 1965, na praça do Russel, no bairro da Glória, marcando a paisagem da cidade até os dias atuais.<sup>8</sup> O

---

<sup>7</sup> Sobre as realizações do Instituto do Rio de Janeiro, veja-se WINZ, Antonio Pimentel. Ligeiras notas memorativas. *Revista do IHGRJ*, n. 1, p. 9-16, 1987.

<sup>8</sup> Para uma história da promoção da imagem urbana de São Sebastião, veja-se: <http://saosebastiao.rj.blogspot.com.br/2011/03/monumento-altar-sao-sebastiao.html>. Consultado em: 16 de março de 2013.

local de instalação da estátua do padroeiro tinha sentido simbólico muito forte, pois se situava na área da última batalha de conquista da Guanabara, ocorrida no ano de 1567, ocasião em que São Sebastião teria aparecido liderando a vitória militar das tropas lusitanas, resultando na primeira aparição de um santo na América. Nesta batalha, o fundador da cidade, Estácio de Sá foi flechado para morrer tempos depois, associando sua imagem de jovem guerreiro morto por flechas em clara associação com o mártir guerreiro católico da Antiguidade.<sup>9</sup> Fica evidente que o Instituto operava com competência os fatos históricos para mobilizar a atenção da sociedade urbana para a história do Rio de Janeiro.

Ao lado da promoção da imagem do santo padroeiro, na mesma época, o Instituto se engajou, igualmente, na promoção da imagem de Padre José de Anchieta, como Apóstolo do Brasil. Desse modo, contribuiu para revigorar a campanha de canonização do jesuíta histórico integrando o Grupo Nacional de Trabalho em Prol da Canonização, para projetar a mobilização em todo o país. Nesse sentido, foi encaminhada mensagem ao Papa Paulo VI, intermediada por D. Jaime Câmara, cardeal e arcebispo do Rio de Janeiro; foi publicado em 12 de junho de 1963 no Diário da Assembléia Legislativa da Guanabara requerimento apresentado pelo Instituto; e, além disso, iniciou-se movimento para erguer estátua de autoria de Benevenuto Berna dedicada à memória de José de Anchieta.<sup>10</sup> Novamente, o que se constata é o engajamento do corpo social do Instituto carioca em que os vínculos do estudo da história com o processo de construção da memória social se entrelaçavam para tomar partido, neste caso, a favor do movimento de beatificação do padre Anchieta.<sup>11</sup> Não há dúvida, por estes exemplos, que a defesa

<sup>9</sup> A história da aparição de São Sebastião liderando as tropas portuguesas é registrada na crônica de Frei Vicente do Salvador de 1710. KNAUSS DE MENDONÇA, Paulo. *Rio de Janeiro da pacificação: franceses e portugueses na disputa colonial*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1991. (Biblioteca Carioca).

<sup>10</sup> PAULO FILHO, M. *A canonização do venerável Padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro: IHGCRJ, 1964.

<sup>11</sup> WINZ, A. P. op. cit. A promoção de Padre Anchieta como herói de referência para a história do Rio de Janeiro teve ampla promoção. Além da publicação da biografia publicada -

de uma história da cidade de um ponto de vista católico se afirmou no seio da instituição acadêmica carioca.

Além disso, na época do 4º centenário da cidade do Rio de Janeiro, outros sócios do Instituto se dedicaram a publicar livros sobre a história da cidade. Participaram assim do grande movimento editorial que marcou o instante celebrativo da época, o que demonstra que, ao mesmo tempo, que o quadro social do Instituto se dedicava ao movimento social não deixava de manter seu foco na promoção do estudo e da pesquisa sobre a história da cidade, evitando perder sua identidade acadêmica. Uma ação conduzia a outra. Nesse quadro, destaca-se, por exemplo, o livro *O Rio através dos séculos: a história da cidade em seu IV Centenário*, de autoria de Nelson Costa.<sup>12</sup>

Pode-se dizer que este foi o contexto de maior notoriedade pública do Instituto carioca, pois sua marca servia para distinguir os nomes de seu quadro social. Um bom exemplo é o caso da publicação do livro de Augusto Maurício, *Algo do meu velho Rio*, publicado em 1966 pela Livraria Brasileira Editora, na Coleção Vieira Fazenda, sob a direção de Maciel Pinheiro.<sup>13</sup> A coleção se tornou um dos selos editoriais mais prestigiados das comemorações do centenário da cidade que ainda hoje marcam a bibliografia da cidade, caracterizando seus títulos como clássicos da historiografia urbana. Neste caso, a inscrição do nome do autor Augusto Maurício veio acompanhada do registro “do Instituto Histórico e Geográfico da Cidade do Rio de Janeiro”, demarcando sua vinculação institucional e chancelando sua posição intelectual. É preciso

---

VIOTTI, Helio Abranches. *Anchieta, o apóstolo do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1966. – houve ainda a produção de um documentário pelo jornalista e político local Amaral Netto, estudado em BONA, Natália Muller. O Repórter da História: Anchieta e o IV Centenário do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. v.1, n. 2, dez. 2009. Disponível em: [http://www.rbhcs.com/index\\_arquivos/Artigo.O%20Rep%C3%B3rter%20da%20Hist%C3%B3ria.%20Anchieta%20e%20o%20IV%20Centen%C3%A1rio%20do%20Rio%20de%20Janeiro.pdf](http://www.rbhcs.com/index_arquivos/Artigo.O%20Rep%C3%B3rter%20da%20Hist%C3%B3ria.%20Anchieta%20e%20o%20IV%20Centen%C3%A1rio%20do%20Rio%20de%20Janeiro.pdf). Consultado em: 16 de março de 2013.

<sup>12</sup> COSTA, Nelson. *O Rio através dos séculos: a história da cidade em seu IV centenário*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1965.

<sup>13</sup> MAURÍCIO, Augusto. *Algo do meu velho Rio*. Rio de Janeiro: Livr. Editora Brasileira, 1966. (Col. Vieira Fazenda – VII)

acrescentar que Augusto Maurício já era um conhecido e consagrado autor da história da cidade ao menos desde 1947, quando lançou o livro *Templos históricos do Rio de Janeiro*, até hoje uma obra de referência valiosa. Considerado sua notoriedade, em princípio, não havia motivo para o autor ser distinguido por qualquer vinculação institucional. Isto pode ser considerado um sinal do prestígio da instituição e que o engajamento social do Instituto carioca serviu também para a promoção dos estudos e pesquisas desenvolvidos no seio do quadro social da agremiação acadêmica do Rio de Janeiro.

No ano seguinte às comemorações do 4º centenário da cidade, o almirante Guilhobel retornou ao posto de presidente do Instituto, conduzindo a reforma do estatuto que mudou o nome da entidade para Instituto Histórico e Geográfico do Estado da Guanabara. Desse modo, o Instituto assumia definitivamente sua marca estadual e guanabarina, onde antes vigia o foco municipal e a identidade carioca. O presidente em novo mandato se encarregou também de mobilizar os sócios para promover novo curso, retomando o modelo de ação de sua primeira gestão. Dessa vez, porém, o curso foi dedicado à *Influência Francesa no Rio de Janeiro*, sob a coordenação do sócio Odorico Pires Pinto, apontando certamente para a importância cultural da cidade. Pode-se supor que esta posição estava em sintonia com uma vertente do discurso político da época que buscava sugerir que a perda da sede do poder político não tiraria o papel central que a cidade do Rio de Janeiro tinha no cenário nacional, especialmente como centro de repercussão de idéias e de criação artística, definindo-se como capital cultural do país.<sup>14</sup>

Nessa altura, o Instituto Histórico Geográfico da Cidade do Rio de Janeiro, ou do Estado da Guanabara, não contava com uma revista no seu programa de publicações. O Instituto publicava discursos e conferências em formato de folhetos, denominados de plaquetas, que marcavam

---

<sup>14</sup> Uma consideração sobre esse discurso político de época se pode encontrar em MOTTA, Marly da Silva. *Rio, cidade-capital*. Op. cit.

uma ocasião ou posicionamento.<sup>15</sup> Essa é a característica da publicação do discurso proferido pelo general professor Jonas Correia, em nome do Instituto por ocasião da abertura do *Congresso de História do Brasil no século XVIII*, comemorativo do bicentenário da transferência da sede de governo do Estado do Brasil de Salvador (Bahia) para a cidade do Rio de Janeiro (Guanabara), promovido pelo IHGB no ano de 1963.<sup>16</sup> Na mesma linha, em 1964, é lançado *Milagres da natureza, flores do Brasil* de Ariosto Berna para celebrar a inauguração do Palácio das Flores no Centro da cidade do Rio de Janeiro.<sup>17</sup> O texto se distingue por apresentar subsídios para a história da floricultura no Rio de Janeiro. O mesmo padrão é seguido no caso da plaqueta *A canonização do venerável Padre Anchieta*, de autoria do presidente da entidade, M. Paulo Filho, publicada também em 1964. Este último exemplo traz ainda a inscrição na capa de “Divulgação Histórica”, evidenciando a característica de ampla difusão da publicação.<sup>18</sup> E muito evidente que esta linha de publicação marcou a gestão de M. Paulo Filho na presidência do Instituto nos anos de 1960.

Em ata da sessão extraordinária de 16 de dezembro de 1966, já na época da nova presidência do almirante Guilhobel, consta a decisão de encarregar o sócio Odorico Pires Pinto de apresentar um projeto de “Revista do Instituto” à Fundação Calouste Gulbenkian. Na ata da reunião seguinte de 1º de março de 1967, anota-se, porém, que a questão só seria tratada após o retorno de Odorico Pires Pinto de uma viagem à Europa. Registrou-se ainda a manifestação do Marechal João Baptista de Mattos que “a pior dificuldade reside na falta de verba e o alto custo da impres-

<sup>15</sup> “[...] Os termos opúsculo e plaqueta são empregados principalmente quando se atribui a seu conteúdo de importância artística, científica ou literária”. Cf., CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Córdélia Robalinho de Oliveira. *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

<sup>16</sup> CORREIA, Jonas. *Discurso*. Rio de Janeiro: IHGCRJ, 1963.

<sup>17</sup> BERNA, Ariosto. *Milagres da natureza, as flores do Brasil*. Rio de Janeiro: IHGCRJ, /1964/.

<sup>18</sup> PAULO FILHO, M. *A canonização do venerável Padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro: IHGCRJ, 1964.

são.<sup>19</sup> O fato é que o retorno de Odorico Pires Pinto é registrado na ata seguinte, dando conta da reunião que ocorreu sob condições inusitadas.

Em março de 1967, um grande incêndio atingiu gravemente o prédio da Igreja do Rosário na rua Uruguaiana, atingindo não só a edificação, mas o vasto e rico acervo da irmandade dos tempos coloniais. Do Instituto Histórico da Guanabara, consta ter se salvado apenas o 2º Livro de Atas do Instituto, pois estava com o Segundo Secretário Antonio Pimentel Winz, conservador do Museu Histórico Nacional.<sup>20</sup> Daí em diante o Instituto foi abrigado em vários espaços e de diferentes instituições, o que afetou sua identidade de origem.

*Mesmo assim, o esforço de resistência do grupo de sócios da agremiação acadêmica manteve a instituição viva, sob a liderança do presidente Guilhobel. Em reunião de 14 de dezembro de 1967 foi aprovada a proposta de criação do cargo de Diretor da Revista, que seria ocupado pela primeira vez pelo sócio general Francisco de Azevedo Pondé por eleição realizada na reunião seguinte de 28 de dezembro de 1967, conforme consta em ata.<sup>21</sup> João do Prado Maia, depois Paulo Berger seriam eleitos nos anos seguintes para o mesmo posto. Isso não significou, porém, que a revista tenha sido viabilizada, ainda que mantida viva como projeto, pois na reunião de 12 de março de 1970, anotou-se a idéia de que a revista deveria ser trimestral.*

De todo modo, apesar da situação da sede, o Instituto da Guanabara conseguiu se integrar ao programa das celebrações do sesquicentenário da Independência do Brasil em 1972, promovendo o curso *O Rio de Janeiro e a Independência*.<sup>22</sup> A ocasião novamente servia de pretexto para afirmar o papel central que a cidade do Rio de Janeiro teve na história do Brasil como centro político do processo de afirmação do estado nacional. Contudo, nas condições adversas enfrentadas pela

<sup>19</sup> Livro de atas do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, 1963-1983. v. 1. p. 63. (Arquivo IHGRJ)

<sup>20</sup> WINZ, A. P. op. cit.

<sup>21</sup> Livro de atas...op. cit. p. 80.

<sup>22</sup> Idem.

falta da sede, não há indicações de que um programa de publicações do Instituto tenha se estruturado.

Após o incêndio da Igreja do Rosário, o Instituto se abrigou na Sociedade Brasileira de Geografia (de 1967 a 1969); no escritório do secretário-geral Odorico Pires Pinto, na rua Evaristo da Veiga, 35 / 1807 (de 1969 a 1970); no salão do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, que funcionava no 4º. Andar do Palácio Monroe, antigo Senado Federal (1970 e 1971); no Grêmio Cívico Floriano Peixoto, situado na rua Senhor dos Passos n. 83/85 10º andar (de 1972 a 1976). 23 Nesse contexto, inicia-se, em 1975, a presidência do general Francisco de Paula e Azevedo Pondé, autor de *A Defesa Militar do Porto e da Cidade do Rio de Janeiro em Quatro Séculos* (1957) e *O Gás na Iluminação e na Calefação da Cidade do Rio de Janeiro* (1971). A liderança do general se estenderia até o fim da década de 1980, deixando um legado que permitiu a reconstrução da entidade acadêmica.

Não há como deixar de notar, porém, que durante quase três décadas o comando da instituição se manteve na mão de militares reformados e que isso ocorreu no contexto de vigência do regime militar no país. Nesse novo contexto histórico, em que o debate público foi restringido e a participação da sociedade reprimida, a visibilidade social dos estudos sobre a cidade do Rio de Janeiro ou do estado Guanabara parece ter se esmaecido, pois foi o engajamento social do Instituto e de seu quadro social durante os primeiros anos de construção do estado da Guanabara que conferiu ampla inserção social aos estudos da história do Rio de Janeiro.

## LUGAR SOCIAL DA REVISTA

A partir de 1975, a identidade do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro foi novamente desafiada pelas mudanças da política

---

<sup>23</sup> PONDÉ, Francisco de Paula Azevedo. Apresentação. *Revista do IHGRJ*, n. 1, p. 7-8, 1987.

regional. Novos tempos se iniciaram com a fusão dos antigos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, consumada em 15 de março de 1975 e criando o novo estado do Rio de Janeiro, tendo a cidade do Rio de Janeiro como capital da nova unidade federativa. Este fato representou um movimento contrário à própria origem do Instituto e uma reversão da sua marca. Assim, o Instituto criado em 1957 e que se engajara na construção da Guanabara, terminou sendo conduzido à nova mudança estatutária que alterou o objeto de estudo da agremiação acadêmica que, uma vez mais, terminou mudando de nome. A entidade passou a ser denominada Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Rio de Janeiro alargando seu objeto de estudo, ultrapassando as fronteiras do estudo da cidade do Rio de Janeiro para acrescentar os temas da história fluminense.

O Instituto do Rio de Janeiro reconfigurado a partir de 1975 inseriu-se numa rede de entidade congêneres municipais fluminenses que já existiam com vida social e publicações próprias. O Instituto Histórico de Petrópolis (IHP), por exemplo, existia desde 1938 e publicava a Revista do IHP, assim como o Instituto Histórico de Niterói existia desde 1973.<sup>24</sup> Não se pode esquecer ainda de fazer referência a iniciativa anterior de criação de um instituto histórico estadual fluminense, fundado na cidade de Niterói, antiga capital fluminense, em 1909, tendo Quintino Bocaiúva como presidente honorário. <sup>25</sup> A antiga entidade, porém, desapareceu, deixando espaço para a transformação do Instituto da Guanabara em Instituto fluminense.

---

<sup>24</sup> É preciso indicar que ao longo da década de 1970 e 1980 se assistiu a criação de ao menos 12 novas entidades municipais congêneres dedicados ao estudo da história e geografia, e que foram reunidas nos Colóquios de Institutos Históricos do Estado do Rio de Janeiro realizados em 2000 e 2012. Várias destas entidades produziram publicações periódicas. Entre elas podemos citar: *Jornal do Instituto Histórico de Niterói*, *Cadernos do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói*; *Revista do Instituto Histórico da Parahyba do Sul*; *Revista Pilares da História*, do Instituto Histórico de Duque de Caxias; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras*, entre outras. Nem todas as iniciativas editoriais tiveram regularidade ou continuidade.

<sup>25</sup> WEHRS, Carlos. Instituto Histórico e Geográfico Fluminense – sua fundação. *Revista do IHGRJ*, p. 106-109, ano 1994/1995.

Este processo de transformação institucional não parece ter sido resolvido imediatamente. A dificuldade de definir o foco de estudo da entidade parece ter perdurado, dividindo-se entre a história da cidade e do novo estado, entre a identidade carioca ligada à nova capital estadual e a identidade fluminense associada ao interior do estado. Nos novos estatutos de 1994, essa dupla interrogação foi assumida plenamente, alterando a denominação da entidade para Instituto Histórico e Geográfico do Estado e da Cidade do Rio de Janeiro, ou simplesmente, de acordo como estatuto, Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, com a sigla IHGRJ. O Instituto assumiu, portanto, uma feição única entre as entidades acadêmicas de história do país e que mantém até hoje, sendo ao mesmo tempo dedicada ao estudo da história estadual e da capital do estado, caracterizando-se como instituto estadual e municipal ao mesmo tempo.

As consequências da falta de sede apropriada e da questão social da criação do novo estado do Rio de Janeiro conduziram a história do Instituto a um novo tempo.

A nova etapa da vida do Instituto se iniciou junto com o mandato de presidente do general Francisco de Paula e Azevedo Pondé, quando no fim de 1976 o sócio fundador Pedro Calmon e presidente do IHGB autorizou que as reuniões da instituição estadual se realizassem nas instalações da instituição nacional. Esta situação terminou sendo formalizada por meio de um convênio firmado em 1988 com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), presidido à época por Américo Jacobina Lacombe, encontrando uma solução para a sede do Instituto.<sup>26</sup> Assim, durante a presidência de Francisco de Paula e Azevedo Pondé, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro passou a ter sede numa sala do 12º andar da sede do IHGB, cedida para sede do IHGERJ, além de fazer uso das suas instalações para a realização de reuniões e solenidades.

Nesta nova época da vida institucional, definiu-se também a rotina da instituição estadual. Fixou-se, então, a segunda quinta-feira do mês

---

<sup>26</sup> IPANEMA, Cybelle de. *Do Instituto Histórico e Geográfico da Cidade do Rio de Janeiro ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*. Revista do IHGRJ, p.241-245, 2000.

para a realização das sessões de estudos e pesquisas e ficou estabelecida sua organização, prevendo leitura da ata da sessão anterior, das efemérides regionais, apresentação de comunicações, debate, anúncios e convites para a próxima sessão. O rito seguia a mesma prática do IHGB. Além disso, o local regular das sessões de estudo e pesquisa passou a ser a sala CEPHAS do IHGB, mesmo local em que se realizavam as sessões de mesmo tipo da instituição nacional. Aos poucos, portanto, constata-se que certo mimetismo foi contagiando a prática da entidade estadual.

Nesse ambiente, deu-se a criação da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro*, lançada em 10 de dezembro de 1987 por ocasião da sessão magna alusiva ao trigésimo aniversário da fundação do Instituto.<sup>27</sup> A direção coube à comissão composta por Egon Wolff, Geraldo de Menezes e Herculano Gomes Mathias. Não há como negar que nos 30 anos da entidade a iniciativa da revista refundava a ação editorial do Instituto, tornando-se uma linha mestra da vida institucional. Por outro lado, é muito clara a sua inspiração no modelo da *Revista do IHGB*, inclusive pelo seu formato, integrando artigos que na maioria resultavam das comunicações realizadas nas sessões de estudos e pesquisa mensais, estabelecendo espaço para a publicação de ensaios dos sócios da entidade, além de reunir documentos institucionais como discursos de posse, relatórios de atividades anuais e lista de nomes do quadro social.<sup>28</sup> A grande diferença entre a *Revista do IHGB* e a *Revista do IHGRJ* sempre foi a periodicidade: enquanto o periódico nacional era quadrimestral, a revista do Rio de Janeiro, no seus primeiros anos, era bienal. Por outro lado, nos primeiros tempos a *Revista do IHGRJ* não continha os textos institucionais à moda do IHGB, o que só foi incorporando ao longo dos anos.

O primeiro número da *Revista do IHGRJ*, correspondente ao ano de 1987, foi caracterizado como número especial pelos 30 anos da entidade acadêmica do Rio de Janeiro. A revista representava, as-

<sup>27</sup> Ata de 10 de dezembro de 1987.

<sup>28</sup> Os só apareceriam na revista a partir do terceiro número, correspondente aos anos de 1994/1995.

sim, uma novidade na vida da instituição, mas ao mesmo tempo não deixava de se instalar na continuidade da história do Instituto, fazendo referência à sua origem no ano de 1957. Por outro lado, chama atenção o fato de que a revista não ganhou o nome completo e oficial do Instituto à época, suprimindo a referência ao Estado. Assim, no topo da capa branca aparecia com destaque o nome do periódico e no meio entre faixas horizontais, além da marca do Instituto vinha o seu nome completo fazendo referência ao estado. Nesse sentido, ainda que apresentada como programa de continuidade dos primeiros tempos da entidade, a revista ao ser criada também expressava o dilema entre a identidade estadual e municipal do Instituto que era próprio dos novos tempos posteriores à fusão dos antigos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro de 1975 e que custava a ser superado, como se constata. Por outro lado, o nome da revista também anunciava os novos tempos da vida institucional, como que aguardando a mudança estatutária que consagraria a mudança do nome do Instituto. Nos números seguintes, a referência ao nome da entidade desapareceria, ficando entre as faixas horizontais apenas o brasão da entidade no centro da capa.

Em termos de direção editorial, nos primeiros tempos, a revista não tinha um editor nomeado. No segundo número, do ano do biênio de 1990/1991, é que depois dos nomes da diretoria aparecem indicadas as comissões permanentes e seus membros, incluindo a Comissão de Redação da Revista ou Anuário, composta: Geraldo de Menezes, jurista que acumulava a função com a de Secretário-Geral da instituição; Herculano Gomes Mathias, conservador do Museu Histórico Nacional; e Vicente Tapajós, professor de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A cada novo número, a composição da comissão se renovaria a partir de então.

No tempo da presidência de Antonio Pimentel Winz, conservador do Museu Histórico Nacional e que presidiu o IHGRJ de 1993 a 1999, a revista passa a contar com uma dupla de editores: entre 1996 e 2001 - Miridan Britto Knox Falci, professora de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e que acumulava inicialmente a função com o posto de Primeira Secretária da instituição, e Carlos Wehrs, médico e

historiador, membro do Conselho Fiscal; entre 2002 e 2006 - Miridan Brito Knox Falci divide a função com Therezinha de Moraes Sarmiento, museóloga, professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Ao lado dos editores, estabeleceu-se ainda um Conselho Editorial, composto por quatro sócios, que se renovou ao longo tempo das sucessivas edições, combinando-se com a Comissão de Redação da Revista e/ou Anuário que continuou existindo conforme os estatutos e renovada a cada nova eleição de diretoria. Esta nova direção, a partir de 1998, inaugurou a fase anual da revista, mudando assim sua periodicidade regular.

Esta estrutura de direção da revista por uma dupla de editores teve a continuidade garantida pela nova presidência de Cybelle de Ipanema, no cargo de 2000 a 2011. Foi apenas no número de 2007 que Miridan Brito Knox Falci assume sozinha a função de editora da revista. Cabe observar que a editora da *Revista do IHGRJ*, como sócia do IHGB, acumulou durante algum tempo a função com a de editora da *Revista do IHGB*, o que aproxima as iniciativas editoriais da entidade nacional e estadual. Rogéria de Ipanema, professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, assumiu como editora dos números dos anos de 2010 e 2011 e inovou na organização criando dossiês temáticos, promovendo a mudança de capa, além de junto com a presidente Cybelle de Ipanema, obter o apoio da Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro para viabilizar a publicação da revista.

Em relação aos autores, evidencia-se uma aproximação do Instituto com as esferas universitárias, especialmente com pesquisadores ligados a programas de pós-graduação. Esse movimento da revista certamente expressa a tendência de renovação do quadro social dos IHGRJ que passa a ter uma presença cada vez maior de professores titulados pelas universidades e uma menor presença de historiadores e pesquisadores independentes. Essa tendência também caracteriza um aumento médio de páginas dos artigos publicados, apoiados em maior número de fontes de época.

Finalmente, o caráter acadêmico e profissional da revista se afirma no ano de 2000 com a obtenção do registro bibliográfico ISSN que

identifica periódicos e, em seguida, com a inclusão da *Revista do IHGRJ* no sistema de qualificação de periódicos Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação.<sup>29</sup>

## POR DENTRO DA REVISTA

Com base na análise do índice da *Revista do IHGRJ*, publicado em 2007 e que cobre os números publicados entre os anos de 1987 a 2006, e na realização de levantamento temático dos números posteriores até 2012, é possível caracterizar os assuntos e temas tratados na *Revista do IHGRJ*. Uma possível abordagem geral do se que encontra nas páginas da revista, em aproximadamente 500 textos, permite caracterizar 7 grupos de assuntos gerais que cobrem a maioria dos temas publicados: Estudos sobre a cidade e o estado (24%); Instituições (22%); Personagens da história (18%); Biografias de associados (16%); Estrutura espacial (8%); e Bibliografias e genealogias (4%) – havendo ainda um conjunto diversificado em que se incluem os documentos institucionais como os relatórios anuais de atividades. Há assim um quadro abrangente dos objetos de estudo que se constituíram como foco de pesquisa e sua presença proporcional no conjunto no seio do IHGRJ ao longo dos anos de existência da sua revista.

O maior conjunto de textos da *Revista do IHGRJ* é reunido na categoria de *Estudos sobre a Cidade e o Estado*, representando perto de um quarto dos textos publicados. Trata-se de extenso conjunto que cobre ao menos 20 temas cariocas e fluminenses: Planejamento Urbano, Transportes, Favelas, Colonização, Relações Exteriores e Diplomacia, Economia, Referências Históricas, Ocupação do Território, Gastronomia, Estatísticas e Geografia, Gêneros Musicais, Inquisição, Saúde e Epidemias, Geologia e assuntos correlatos, Vegetação, Agricultura e Pecuária, Criminalidade e Astronomia e Grupos Étnicos e

---

<sup>29</sup> FALCI, Miridan Britto. A Revista do IHGRJ – trajetória e reflexões. *Revista do IHGRJ*, p.27-33, ano 13, n. 13, 2004.

Religiosos. Este conjunto é, sem dúvida, o cerne dos trabalhos da *Revista do IHGRJ* e que dá identidade a linha editorial e que se alinha a natureza da instituição a que pertence e representa.

Neste universo de textos publicados na revista, incluem-se análises específicas sobre temas relevantes concernentes à cidade ou ao estado. Em torno dos estudos sobre a cidade e o estado, reúnem-se os textos que tratam os principais planos de urbanização da cidade do Rio de Janeiro, analisam os sistemas de transportes, rodoviário e ferroviário (principalmente), os processos de colonização ocorridos no estado e a ocupação espacial do território, enfatizando, sobretudo, o processo de organização de sesmarias e de ordenação territorial, a ordenação dos processos econômicos ao longo do tempo (extrativismo, agricultura, indústria e serviços), as relações diplomáticas, nem sempre tranqüilas, entre parceiros internacionais do Brasil, análises ambientais em diferentes escalas, que desvendam reservas naturais do estado e orientam políticas de exploração, textos que tratam dos aspectos estatísticos (demográficos e econômicos), trabalhos que examinam as disfunções econômicas e sociais, geradoras de problemas de ocupação do solo e distribuição da renda (favelas, criminalidade), estudos que tratam dos aspectos culturais de nossa sociedade (indo dos estudos sobre a Inquisição, à posição da mulher na sociedade, até as questões concernentes à evolução dos gêneros musicais, passando pelos textos que acompanham a preservação de nossos ativos científicos e culturais, materiais e imateriais).

O segundo conjunto que predomina na *Revista do IHGRJ*, quase em igual proporção, representando cerca de um quinto do total de textos publicados, reúne estudos classificados no grupo *Instituições* e enfocam principalmente a criação e o trabalho desenvolvidos pelos Institutos Históricos e Geográficos, bem como Academias de História municipais do estado do Rio de Janeiro, além de em várias ocasiões descrever e historiar o papel do IHGRJ e / ou suas relações com o IHGB. Outras instituições também foram objeto de estudos, principalmente as relacionadas com o mundo das religiões. Ainda que a ênfase recaia sobre a Igreja católica (as principais igrejas e as organizações que estruturam a Cúria, como as Irmandades e seus conventos), outros grupos religio-

so também são abordados, como os judeus e os de origem africana. Também nesse grupo se colocam os artigos que trataram das instituições governamentais, tais como estabelecimentos militares (fortes, quartéis e belonaves) e de suas ações históricas, que aconteceram no território da cidade ou do estado, além de outras instituições e corporações públicas de estado (bombeiros, colégios, hospitais, universidades, segurança pública etc.). A imprensa escrita foi igualmente uma instituição social que gerou muitos artigos, especialmente na análise de antigos periódicos que fizeram sucesso, tanto na capital, quanto nas cidades do interior. Do mesmo modo, as associações filantrópicas, como o Rotary Club, foram tratadas em alguns artigos, com o pretexto de serem homenageadas por alguns sócios do instituto.

Nas páginas da *Revista do IHGRJ*, encontra-se ainda como assunto recorrente o estudo sobre *Personagens da história*, que, normalmente, homenageiam pessoas que desempenharam papel relevante na história e na geografia da cidade e / ou do estado. Este conjunto representa o terceiro maior conjunto de textos publicados na revista. Trata-se de personagens, cujas atuações foram decisivas e carregaram marca pessoal, por meio de escritos, realizações em diversos campos de ação, que podem ser reunidos em categorias sócio-profissionais, como: advogados, juizes, arquitetos e urbanistas, historiadores, geógrafos, cartógrafos, arquivistas, engenheiros, educadores, antropólogos, arqueólogos, físicos, químicos, astrônomos, militares, industriais, produtores rurais (que no caso do Rio de Janeiro são representados pela aristocracia do Vale do Rio Paraíba do Sul Fluminense), políticos e gestores públicos, bem como lideranças comunitárias. Incluem-se ainda homenagens a personagens de classes populares, como escravos e trabalhadores, que tiveram papel relevante no movimento popular carioca e fluminense, ou que concorreram para o desenvolvimento de ação cultural. O caso emblemático é o de Tia Ciata e sua liderança nos primórdios do samba carioca. Finalmente, destaca-se um grande grupo que também deu relevância à história cultural do Rio de Janeiro: pintores, escultores, desenhistas e cartunistas, músicos, fotógrafos e atores. Esses artistas marcaram presença nos textos que tratam a história de manifestações culturais no estado.

Relacionado a este conjunto em termos temático e quantitativo, constitui-se o grupo de textos sobre *Biografias de associados*, que se caracteriza principalmente por reunir os discursos que os novos sócios fazem dedicados aos patronos de suas respectivas cadeiras e aos sócios titulares que estão substituindo, ou por falecimento, ou por promoção para condição de benemérito. Aqui também estão as saudações que um sócio (titular ou benemérito) faz ao novo membro no dia da posse. É um conjunto de textos bem interessante para a prosopografia da comunidade de pesquisadores da cidade e do estado do Rio de Janeiro.

Alguns textos da revista tematizam a *Estrutura espacial*, enfatizando a geografia de ações individuais ou coletivas, de governo ou empresariais, de grupos econômicos, culturais, étnicos ou religiosos. Os exemplos de estudos sobre a escravidão no Vale do Paraíba, de colônias japonesas em Santa Cruz (bairro carioca) e Itaguaí (município), de alemães em Niterói e negros e judeus na Praça Onze, a Pedra do Sal, na área portuária da cidade do Rio de Janeiro, são apenas algumas amostras dessa abordagem. Além disso, análises que explicam ações governamentais em locais específicos, com no caso das obras do prefeito Pereira Passos na área central da cidade do Rio de Janeiro, a estruturação espacial dos bairros portuários e textos que discorrem sobre cidades fluminenses, principalmente as do Vale do Rio Paraíba do Sul, e do litoral sul do estado estão nesse conjunto temático.

Na *Revista do IHGRJ* surge ainda um pequeno conjunto de textos de apoio e referência para a pesquisa que se caracteriza pela organização de *Bibliografias e genealogias* que serve à orientação inicial para pesquisas. Os exemplos de repertórios de bibliografia geral sobre o estado do Rio de Janeiro, sobre os municípios fluminenses em termos específicos e o estudo sobre a genealogia dos prefeitos cariocas são os mais relevantes nessas matérias.

Diante deste quadro da produção da *Revista do IHGRJ* ao longo de seus 25 anos de existência, é possível concluir que em suas páginas se constitui um acervo científico e cultural valioso que retrata épocas e tendências dos estudos cariocas e fluminenses, além de registrar uma massa crítica acumulada de conhecimento sobre a cidade e o estado do Rio de Janeiro, capaz de oferecer material de interesse para pesquisa-

dores e estudantes. Destaca-se o fato de que realmente a linha editorial é claramente demarcada pelo foco nos temas cariocas e fluminenses, definindo a marca da revista e do IHGRJ.

De um modo geral, observa-se que, em seus primeiros números, a revista era, sobretudo, um espaço para textos de opinião e de notas ou notícias de pesquisa, que se expressavam em textos mais curtos. Um bom exemplo disso é o texto de Frieda Wolf, conhecida pesquisadora da história dos judeus no Brasil e no Rio de Janeiro e sócia do IHGB, que no número de 1987 publicou artigo de apenas duas páginas sobre a poluição na cidade do Rio de Janeiro chamando atenção para o fato de se tratar de um problema histórico ao fazer referência a uma postura da Câmara municipal do início do século XIX sobre o controle de curtumes, abordando assim questão distante de seu campo de investigação.<sup>30</sup>

Por outro lado, observa-se que depois de 1997, com a constituição de uma direção editorial mais firme, baseada na nomeação de editores e conselho editorial, a revista se caracterizou por artigos mais densos em termos de diálogo historiográfico e com base em levantamento sistemático de fontes. Ao longo do tempo, este tipo de trabalho é que se afirma nas páginas da revista, fazendo desaparecer ensaios de opinião. Mesmo os ensaios motivados por homenagens ou efemérides, passam a se sustentar em bases de pesquisa mais consistentes. Ao lado disso, a revista passa a publicar resenhas, expressão da intenção de discutir a bibliografia especializada mais recente. Há uma evidente aproximação dos procedimentos de pesquisa e escrita difundidos pelo padrão universitário e afirmado no Brasil por meio da pós-graduação. Não sem razão, observa-se igualmente que o perfil dos autores se caracteriza cada vez mais pela inserção profissional no meio universitário.

Nesse sentido, acompanha-se nas páginas da *Revista do IHGRJ* como a instituição foi deixando seu perfil engajado em temas da atualidade e de mobilização da sociedade para assumir um perfil mais estritamente acadêmico, constituindo-se em pólo de concentração do

---

<sup>30</sup> WOLFF, Frieda. Poluição. *Revista do IHGRJ*, n. 1, p.102-103, ano 1987.

interesse pelo estudo e pesquisa da história e da geografia carioca e fluminense. A história da Revista do IHGRJ, criada num momento de transformação da entidade acadêmica de estudos de história e geografia fluminense, expressa o movimento de renovação da instituição e de constituição de um novo perfil que a afasta da tomada de posição engajada sobre questões da sociedade, para se afirmar em espaço de debate especializado e de diálogo entre pares dedicado ao estudo e à pesquisa sobre a cidade e o estado do Rio de Janeiro.

Artigo recebido em 31 de março de 2013. Aprovado em 20 de abril de 2013.

